



nesta edição

Arroba em dólares: perda de referência

Firmeza do mercado e valorização cambial levam as cotações da arroba do boi gordo, em dólares, a patamares bem acima da média dos últimos anos.

Editorial

Palavra do Consultor

Wagner Pires

Taxa de lotação da pecuária brasileira está entre as mais altas do mundo

Condições naturais favoráveis e aplicação de tecnologia colocam a taxa de lotação média do Brasil entre as mais altas do mundo.

Pasto Livre valoriza

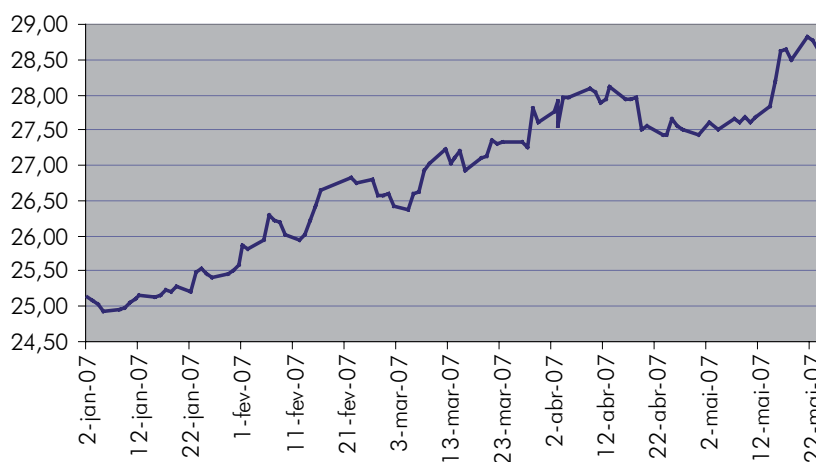
João Carlos Marson

ARROBA EM DÓLARES: PERDA DE REFERÊNCIA

Em janeiro de 2003, início do primeiro governo Lula, o câmbio fechou em R\$3,35 por US\$1,00. Em maio deste ano, a cotação média da moeda norte-americana caminhava para algo próximo de R\$1,98 por US\$1,00, uma retração de 41% em relação ao início de 2003.

Valorização cambial, grosso modo, é ruim para quem exporta. E no Brasil, um dos principais produtos da pauta de exportação é a carne bovina. Como o dólar não pára de cair, e o mercado do boi gordo vem trabalhando em ambiente relativamente firme, as cotações da arroba, em dólares, reagiram consideravelmente ao longo do ano. Veja na figura 1.

Figura 1. Evolução da cotação do boi gordo em US\$/@, a prazo, em SP.



Fonte: Scot Consultoria

Entre os anos 2000 e 2005 a cotação média do boi gordo, em São Paulo, ficou em US\$19,92/@. Todo mundo que trabalhava com boi gordo tinha na cabeça, como referência de mercado, cotações próximas de US\$20,00/@.

Já em 2006, a cotação do boi gordo em São Paulo, em Reais corrigidos pelo IGP-DI, caiu até o patamar mais baixo dos últimos 50 anos. No entanto, em dólares, o preço médio ficou em US\$24,71/@, ou seja, 24% acima da média de 2000-2005, graças ao "efeito câmbio".

Agora em 2007, entre janeiro e maio, a média da arroba em São Paulo alcançou US\$26,93/@. Só em maio, ficou próxima de US\$28,50/@ (cálculo preliminar). Esse valor seria o mais alto já registrado para um mês de maio, desde 1989.

Os frigoríficos exportadores se mostram preocupados, afinal, o boi gordo é responsável por 70% a 80% do custo da indústria. Mas não tem o que fazer.

Diante da tendência de recuperação das cotações da arroba em Reais, por conta da inversão do ciclo pecuário, e da apreciação cambial, as antigas referências para a arroba do boi gordo, em dólares, se perderam.

É possível esperar, para algumas regiões do Brasil Central, valores acima de US\$30,00/@ a partir desta entressafra. No Rio Grande do Sul, esse patamar já foi rompido há algum tempo. A cadeia produtiva, principalmente os frigoríficos, terá que se adaptar e trabalhar sob essa nova realidade. ■



BENEFÍCIO DO PROGRAMA SINAL VERDE

Dow AgroSciences
LINHA PASTAGEM

Este é um benefício exclusivo aos participantes do Programa Sinal Verde. Lembre-se ainda, que você tem 8% de desconto nas compras dos produtos* da Linha Pastagem Dow AgroSciences que fazem parte do Programa Sinal Verde.

Tordon, Plenum*, Padron*, Garlon* e Mannejo*.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. PRODUTO DE USO AGRÍCOLA. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

São Paulo, junho de 2007.

Prezado leitor,

Nesta edição peço sua licença pra compartilhar algumas experiências que vivi durante minhas viagens de trabalho pelo País afora.

Sempre evidenciamos o potencial que este País tem em produzir carne e leite a pasto, a baixos custos de produção, onde a base da alimentação animal é a forrageira, forrageira que estamos aprendendo a produzir em abundância e com qualidade, e é exatamente sobre isso que gostaria de expressar minha satisfação.

Andamos por alguns lugares onde a Pecuária é a locomotiva da economia local, e sempre identificamos isso com facilidade, pois nas longas estradas que percorremos sempre cruzamos com grandes boiadas, que estão trocando de dono ou apenas de

pastos. Bem, vamos falar de pastos, pois são estes que chamam a minha atenção.

Pastagens estão sendo melhoradas, investimentos têm sido feitos, e como resultado está melhorando nossa capacidade de suporte, ou seja, colocamos mais animais na mesma área e, quando isso acontece, as contas começam a fechar no final do ciclo, pois aumentar a taxa de lotação significa adquirir uma outra fazenda sem precisar comprá-la.

Infelizmente, ainda nos deparamos com um enorme contraste, fazendas produzindo 3 a 4 @/ha/ano, vizinhas de outras produzindo muito mais que isso. Torcemos para que discrepâncias como essa sejam cada vez mais difíceis de encontrar.

Conte com a Dow AgroSciences, com nossos produtos e tecnologias, com nossa equipe de agrônomos e distribuidores, pois nosso objetivo e principal compromisso é ajudá-lo a crescer.



Atenciosamente.

Douglas Ribeiro

Douglas Ribeiro.
Gerente de Marketing
Linha de Pastagem Dow AgroSciences

Pasto Livre

Conselho Editorial

Douglas Ribeiro,
Georlei Haddad,
João Braga,
Luciana Silva,
Luzia Schiavon,
Mário Von Zuben.

Jornalista

Isabel Torres
MTB 10097

Pasto Livre

Pasto Livre é editado pela Scot Consultoria, especialmente para a Dow AgroSciences - Gerência de Marketing Linha de Pastagem.

Scot Consultoria

Tel: (17) 3343 5111
scotconsultoria@scotconsultoria.com.br

Colaboradores

Alcides de Moura Torres Jr.
Cristiane de Paula Turco,
Fabiano Ribeiro Tito Rosa.

Observação

A reprodução total ou parcial dos textos e dados contidos nesta edição é permitida, desde que citada a fonte.



palavra do consultor

Escolhendo a forrageira correta

Na hora de formar uma pastagem é fundamental escolher a gramínea correta, dentro das condições disponíveis e necessidades do solo, para que tenhamos um melhor resultado e também para que a gramínea consiga enfrentar melhor as invasoras existentes na propriedade e região.

Alguns pontos importantes devem ser analisados na hora da compra:

1° - Variedade de gramíneas existentes na propriedade = **é fundamental que na propriedade existam pelo menos 3 tipos de gramíneas diferentes**, para se ter uma maior estabilidade, principalmente quanto ao ciclo de produção, resistência e tolerância às pragas.

2° - Quanto à topografia do terreno = se este for com muita declividade devem-se evitar gramíneas de touceira como Tanzânia, Mombaça e Andropogon, pois estas podem levar a uma erosão.

3° - O terreno é seco ou úmido? Quando digo úmido estou me referindo ao solo com várzeas, que ficam encharcadas no período das águas. Existe gramínea que não tolera o encharcamento do solo. Neste caso, a mais recomendável seria a Humidicola.

4° - Como é a fertilidade do solo? **Existem gramíneas mais exigentes em fertilidade do**

solo, como os panicuns, Brizantha Marandu e Toledo. Outras mais rústicas como Decumbens e Humidicola.

5° - Qual a finalidade do uso do solo? Se formos explorar a área com eqüinos e ovinos teremos que escolher gramíneas com altura das gemas apicais mais baixas, para evitar que as mesmas sejam cortadas.

6° - Qual é o nível tecnológico que se pretende adotar? Se o objetivo for intensificar a atividade deve-se trabalhar com gramíneas de ponta, mais produtivas e mais exigentes.

7° - Um outro ponto importante é conhecer a fisiologia da planta, saber o seu ponto adequado de manejo e o seu período de repouso para retornar ao ponto de corte. Com isso, evita-se a degradação da pastagem e a mesma fica mais sadia para fechar no solo e enfrentar melhor as plantas daninhas invasoras.

É fundamental conhecer os níveis de fertilidade do solo e fazer um programa de melhoria deste. Com isso estaremos permitindo com que a gramínea produza mais massa e uma melhor capacidade de suporte, aumentando assim as chances de lucratividade da propriedade.

Nunca se esqueça de consultar um engenheiro

agrônomo ou um consultor em pastagens, pois ele ajudará você a evitar muitos erros e conseqüentes prejuízos.

Uma pastagem bem formada e bem conduzida consegue enfrentar melhor as plantas daninhas existentes na região e com isso o lucro por hectare passa a ser bem maior e mais certo.

Artigo escrito pelo engenheiro agrônomo **Wagner Pires** (Consultor em pastagens e autor do livro "Manual de Pastagens - Formação, Manejo e Recuperação"). Maiores informações pelo site www.dtaconsultoria.com.br

TAXA DE LOTAÇÃO DA PECUÁRIA BRASILEIRA ESTÁ ENTRE AS MAIS ALTAS DO MUNDO

A pecuária brasileira aplica pouca tecnologia e trabalha com índices zootécnicos baixos. Quem nunca ouviu uma afirmação como essa? Trata-se, porém, de uma meia verdade, principalmente no que diz respeito às pastagens brasileiras e, conseqüentemente, às taxas de lotação.

Acompanhe, na tabela 1, a evolução dos rebanhos, das áreas de pastagem, e da taxa de lotação média em bovinos/ha, de alguns dos principais países produtores de carne bovina do mundo. Os dados são da FAO, órgão das Nações Unidas responsável por questões de agricultura e alimentação, atualizados apenas até 2003.

Tabela 1. Rebanhos, áreas de pastagem e taxas de lotação em alguns países.

País	Indicadores	1990	2000	2003
Argentina	área de pastagem - mil ha	99.968	99.918	99.867
	rebanho - mil cabeças	52.845	52.643	48.674
	lotação - cabeças/ha	0,53	0,53	0,49
Austrália	área de pastagem - mil ha	416.400	417.000	404.900
	rebanho - mil cabeças	23.162	25.731	27.588
	lotação - cabeças/ha	0,06	0,06	0,07
Brasil 1	área de pastagem - mil ha	184.200	192.972	196.206
	rebanho - mil cabeças	147.102	161.228	169.876
	lotação - cabeças/ha	0,80	0,84	0,87
Brasil 2*	área de pastagem - mil ha	-	-	-
	rebanho - mil cabeças	-	-	-
	lotação - cabeças/ha	-	-	-
EUA	área de pastagem - mil ha	239.172	236.000	234.000
	rebanho - mil cabeças	95.816	102.785	98.198
	lotação - cabeças/ha	0,40	0,44	0,42
Uruguai	área de pastagem - mil ha	13.520	13.520	13.543
	rebanho - mil cabeças	8.692	10.450	10.353
	lotação - cabeças/ha	0,64	0,77	0,76

Fonte: FAO

* Fonte: IBGE – Scot Consultoria

Veja que a taxa de lotação brasileira é uma das maiores do planeta. Pode-se argumentar que as nossas condições naturais, principalmente em termos de abundância de água, luz e temperatura adequada, compensam o baixo nível tecnológico e permitem resultados superiores a concorrentes não tão “abençoados”. A Austrália, por exemplo.

Mas tem-se aí, novamente, outra meia verdade. As novas exigências de mercado, a necessidade de aumentar os ganhos em escala para compensar aumentos de custo e queda de preço, competição por espaço com a agricultura e as pressões ambientais contra a abertura de novas áreas têm acelerado o processo de incorporação de tecnologia por parte da pecuária.

Entre 2001 e 2006 a área de pastagem do Brasil, de

acordo com estimativas da Scot Consultoria, encolheu 1,5%, passando de 179,20 para 176,45 milhões de hectares. No mesmo período o rebanho cresceu 15% e a produção de carne aumentou 53%. E o potencial brasileiro ainda está longe de ser alcançado. Se a taxa de lotação média fosse de 5 ou 6 cabeças por hectare, por exemplo, sendo que já existe tecnologia acessível para tanto, caberia todo o rebanho bovino do mundo dentro do Brasil, na área de pastagem atual.

Graças ao potencial produtivo das pastagens brasileiras e às tecnologias disponíveis para maximização da produção, a agricultura brasileira pode se desenvolver e a produção de biocombustíveis avançar, que o Brasil continuará produzindo carne “verde”, de qualidade e barata, a fim de atender à crescente demanda interna e externa. ■



Engenheiro Agrônomo formado pela ESALQ/USP, é diretor da Fazenda Bodoquena Ltda., do Grupo Votorantim, localizada no município de Miranda, no Mato Grosso do Sul.

Pasto Livre valoriza João Carlos Marson,

1 Quais são as tecnologias utilizadas no manejo e no aumento da produtividade das pastagens?

- Programa de substituição de pastagens

A Fazenda foi formada nas décadas de 50 e 60 do século passado. À época, foi utilizado o capim colômbio (*Panicum maximum*) com propagação vegetativa (uso de mudas). A falta de adaptação do colômbio em algumas áreas, aliada aos sucessivos erros de manejo, levaram algumas áreas a perder competitividade e hoje ter o domínio quase que exclusivo de invasoras. O reconhecimento do tipo de solo determina hoje a gramínea a ser utilizada. Via de regra, usamos a *Brachiaria brizantha*, variedade Marandu, nas situações de boa drenagem; *Panicum* (Tanzânia e Mombaça) nas drenagens intermediárias e *Brachiaria Humidicola*, consorciada com Tanzânia nas áreas baixas e mal drenadas.

- Manejo das pastagens

A Fazenda possui uma particularidade que é uma área típica de pantanal, com gramíneas nativas de muito boa qualidade. Ainda que a curva de precipitação seja muito semelhante nas pastagens cultivadas e nas pastagens nativas da Fazenda, a utilização ocorre de forma diferente e complementar, pois as pastagens cultivadas têm melhor performance de novembro a maio, período este que as pastagens nativas normalmente encontram-se submersas, e de maio a novembro tem-se as condições mais favoráveis, enquanto as pastagens cultivadas estão praticamente em dormência.

No manejo propriamente dito, tem-se atenção especial à altura de pastejo e disponibilidade de pastagens. Nas áreas de pastos relativamente grandes, opta-se pela ocupação constante e lotação variável. Onde as divisões já foram efetivadas, o manejo rotacionado é utilizado.

- Manutenção de pastagens

A eliminação de plantas invasoras é uma prática constante nas pastagens já reformadas e/ou ainda bem estabelecidas.

Normalmente, essa operação é feita manualmente com aplicação localizada de herbicida, específicos para folhas largas, palmáceas e gramíneas.

- Correção e Adubação de pastagens

Nas reformas não há necessidade de correções de acidez e dos níveis de fósforo, pois a região é privilegiada.

Estamos ansiosos para introduzir como prática a adubação de reposição para aumento de produtividade.

- Produção de alimentos para seca

Fazemos o cultivo de sorgo e sua conservação em silos.

2 Quais os resultados, em termos produtivos, que vêm sendo alcançados? O senhor está satisfeito com eles?

Certamente temos muito a melhorar. No último triênio, os preços da arroba, confrontados com os custos de produção, sinalizaram prudência, onde a produtividade deve ser muito observada para não aumentar o risco no resultado da atividade.

Mas em pastos muito degradados devido às plantas daninhas ou sem stand (número de plantas por metro) de capim, a reforma nos leva de uma lotação zero para 2,5 a 3,0 U.A./ha no verão.

Onde o stand de capim é bom e faz-se a limpeza (manutenção ou recuperação), só de eliminarmos a competição temos um aumento de produtividade significativo ou, no mínimo, evitamos a perda futura desta pastagem devido às invasoras.

3 Quais os objetivos de curto e médio prazo, da propriedade, em termos de produção? Novos investimentos estão programados?

Continuamos com o ciclo completo da atividade (cria, recria e engorda) e observarmos atentamente o mercado, principalmente da engorda.

Dessa forma, não vamos aumentar o número de animais confinados, mas ainda vamos acreditar no bom senso das pessoas influentes e dependentes da atividade para continuarmos.

Achamos imprescindível o programa de melhoramento genético da Fazenda, pois além do responsável e capacitado quadro de pessoal, o rebanho é o segundo mais valioso patrimônio da empresa. Para isso contamos com assessoria da Embrapa através do Programa de Melhoramento Genético GENEPLUS e fazemos inseminação artificial em grande escala, além de técnicas como transferência de embriões e fecundação in-vitro para potencializar as melhores matrizes.

4 Na sua opinião, quais os principais desafios da pecuária de corte nos próximos anos?

O maior desafio da pecuária de corte nos próximos anos será o de melhorar o relacionamento de toda a cadeia produtiva. Sobretudo entre o produtor e a indústria frigorífica, de modo a compartilhar os resultados.

A expectativa é de melhora. No setor de cria já percebemos isso, porém na engorda ainda é uma incógnita.